

# As mulheres em luta: madame Linch e a Guerra do Paraguai (olhares historiográficos)

Adriana Kivanski de Senna\* (FURG, Brasil)

“Y si la epopeya escrita com la sangre, el esfuerzo gigantesco, la abnegación sin paralelo del soldado es digna de un marco esquiliano, el drama del martirio que nos legaron las mujeres de la guerra solo es posible sentirlo.”<sup>1</sup>

## 1. Blomberg, Barret, Baptista e Decoud: a vida de Elisa Lynch publicada

Elisa, quando chegou ao Paraguai, encontrou um país próspero, em franco desenvolvimento e que em nada se parecia ao Paraguai daqueles dias da guerra que ainda viria: a guerra com o Brasil, Argentina e Uruguai (1865/1870) e de conseqüências trágicas para o país que Elisa Lynch aprendera a amar.

Acompanhar, através da proposta de quatro autores biógrafos<sup>2</sup> (três com edições argentina e uma edição brasileira) a vida de Elisa Lynch de Quatrefages no Paraguai durante o período em que este esteve em conflito com a Tríplice Aliança é também perceber a trajetória de muitas mulheres, que em situação semelhante, estiveram diretamente envolvidas com esta guerra. A figura de Elisa Lynch, amante de Francisco Solano Lopez, ditador paraguaio, é simbólica da atuação das mulheres e do ideário construído em torno do feminino e do qual, Elisa era consenso na representação.

Hector Pedro Blomberg, autor de “La dama del Paraguay,” nasceu em Buenos Aires em 1890; não concluiu os estudos do Direito, envolvendo-se com o jornalismo o que lhe deu a oportunidade de percorrer o mundo e fomentar a produção de seus contos e novelas cujo eixo temático centrava-se na vida dos portos. Poemas sucederam-se em sua vida, mas também dedicou-se à produção de livros didáticos e biografias, entre as quais esta sobre Elisa Lynch. Nesta obra, organizada em vinte e sete capítulos, Blomberg mostra aos leitores uma mulher cuja história inicia-se com a convivência junto ao ditador Solano López no Paraguai. Embora irlandesa, a dedicação que teve ao país de seu amante e de seus filhos durante os anos em que la viveu, principalmente naqueles durante a guerra, identificam-na, segundo o autor, com as mulheres que de algum modo conviveram com os horrores desta hecatombe.

Para Blomberg, Elisa Lynch foi o suporte de Solano López, tanto em tempos de paz quanto nos de guerra; esteve presente em todos os momentos da vida do ditador paraguaio até

---

\* Professora do Departamento de Biblioteconomia e História da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestre em História do Brasil.

<sup>1</sup> CENTURION, Carlos R. La mujer paraguaya a traves de la historia. Asuncion: Imp. Ariel, 1939, p. 11.

<sup>2</sup> Os autores e obras analisados foram os seguintes: BLOMBERG, Hector Pedro. *La dama del Paraguay*. Buenos Aires: Editora Inter-Americana, 1942; DECOUD, Hector Francisco. *Elisa Lynch de Quatrefages*. Buenos Aires: Casa Editora Libreria Cervantes, 1939; BARRET, William E. *Una amazona: la vida de Elisa Lynch y Francisco Solano López*. Buenos Aires: Compañia Editora del Plata, 1940 e BAPTISTA: Fernando. *Elisa Lynch: mulher do mundo e da guerra*. São Paulo: Civilização brasileira, 1986. Todas as obras consultadas estão disponíveis na Bibliotheca Rio-Grandense, na cidade de Rio Grande (RS, Brasil).

sua morte, deu-lhe filhos e apoio incondicional. Foi mais do que sua amante, expressão pouco utilizada pelo referido autor.

William E. Barret, autor de “Una amazona: la vida de Elisa Lynch y Francisco Solano López”, de quem infelizmente não encontrei maiores referências na obra por ele escrita, deixa-nos, no entanto, uma impressão sobre sua preocupação em ser fiel ao que se propusera escrever, em suas palavras “al escribir esta obra me he mantenido fiel al tiempo, al lugar y a la ilación; en ningún caso he tergiversado el verdadero orden cronológico de los acontecimientos para obtener un efecto dramático.”<sup>3</sup> As trezentas e oitenta e duas páginas de sua obra estão estruturadas em dezoito capítulos, expressos de forma bastante clara e objetiva, no sentido de destacar a vida e convivência de Elisa Lynch e Solano López.

Também neste autor são os anos de guerra e a presença de Elisa nos campos de batalha, acompanhando o “Mariscal” que merecem destaque no seu relato.

Hector Francisco Decoud, autor de “Elisa Lynch de Quatrefages”, entre os autores escolhidos para esta análise, é o que busca resgatar o passado ‘dissoluto’ de Elisa; sua obra encaminha-se no sentido de ser a história da amante do ditador, uma mulher

“... tan hermosa como perversa, tan dominadora como viciosa, tan cruel como artista seductora, la que vamos a contar, sin omitir detalles, porque su nombre está ligado a las desgracias del Pueblo Paraguayo como el de su único causante, el tirano FRANCISCO SOLANO LÓPEZ.”<sup>4</sup>

Para o autor, ainda que lhe custe falar sobre esta que nada teria de heroína, fez-se necessário que expusesse aos paraguaios e a todos os que se interessassem pela verdade, quem realmente fora Elisa Lynch. Sua obra, de trezentos e vinte e três páginas, está estruturada em nove capítulos e tem início com as dúvidas a cerca das origens da madame Lynch. Todos os capítulos apresentam subtítulos bastante duros com relação a amante do ditador, como no capítulo I, onde apresenta “sus primeros pasos y sus vicios en el mundo libre” ou este outro, presente no capítulo IV “su ambición de poder y sus odios a través de relatos y juicios auténticos”.<sup>5</sup>

Fernando Baptista, economista e jornalista gaúcho é o autor de “Elisa Lynch: mulher do mundo e da guerra”. Na contracapa desta obra, escrita por Ênio Silveira, é indicado as intenções do autor, ou seja

“... uma figura que se livrará dos estreitos e precisos limites da biografia de personagem histórica para inflamar nossa imaginação com a crônica apaixonante e apaixonada de uma belíssima mulher que não mediu esforços para alcançar os mais elevados patamares de sua aventureira carreira de cidadã do mundo”.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> BARRET, William E. Una amazona: la vida de Elisa Lynch y Francisco Solano López. Buenos Aires: Compañía Editora del Plata, 1940.

<sup>4</sup> DECOUD, Hector Francisco. Elisa Lynch de Quatrefages. Buenos Aires: Casa Editora Librería Cervantes, 1939, p. 11.

<sup>5</sup> Idem, índice da obra.

<sup>6</sup> BAPTISTA, Fernando. Elysa Lynch: uma mulher do mundo e da guerra. São Paulo: Civilização Brasileira, 1986.

A obra de Baptista, intencionalmente uma exaltação da figura de Elisa Lynch, aproxima-se em muito a um romance histórico, sugestão que Enio da Silveira afirma na contracapa “se a exaustiva pesquisa não precedesse as liberdades da ficção”.<sup>7</sup> A extensa obra, de seiscentas páginas, está distribuída em seis capítulos e um apêndice; servindo-se das estações climáticas, Baptista faz um paralelo destas com a trajetória de vida de Elisa Lynch, vista por este como a companheira fiel e incansável do ditador, à semelhança do modo como deveriam ter agido as demais mulheres paraguaias.

À exceção de Baptista, autor brasileiro cuja edição da obra consultada é da década de 80, os demais autores que escreveram sobre Elisa Lynch de Quatrefages o fizeram no final da década de 30 e início da década de 40; Decoud justifica sua obra como uma tentativa de esclarecer devidamente àqueles que tentam fazer de madame Lynch uma heroína, projeto que tentou lograr êxito no final da década de 30.

#### 1. Elisa Lynch de Quatrefages: “la dama del Paraguay”

Em meados de 1833<sup>8</sup> nascia a irlandesa Elisa Lynch, que teria uma existência bastante modesta até a sua juventude. Casou-se bastante jovem com o Dr. Quatrefages, (Londres, 1851)<sup>9</sup>, casamento de pouca duração e que, como muitos outros fatos do passado de Elisa, fora propositalmente esquecido.

Elisa Lynch conhecera Solano López em Paris, na corte de Napoleão III; era o ano de 1853 e contava a bela ruiva vinte anos e ele vinte e seis. Em outubro de 1854 desembarcava no porto de Buenos Aires prestes a dar à luz ao filho de Solano López (o menino nasceu em dezembro do mesmo ano e foi registrado como Juan Francisco Quatrefages, uma vez que Elisa era ainda casada)<sup>10</sup>; seu amante Elisa encontrou em Assunção, iniciava-se o ano de 1855, e no Paraguai Elisa permaneceria até o final da guerra, em 1870, quando retornou a França onde ficou enquanto pode manter-se e desfrutar de boa condição; na escassez dos recursos, viveu na Inglaterra, mas seus últimos dias foram passados em Paris, onde morreu em 1886.

Os cerca de quinze anos em que viveu no Paraguai fizeram de Elisa mãe de extensa prole (teve oito filhos, sendo que quatro destes regressaram com Elisa à França, uma menina, a única que teve, faleceu poucos meses após seu nascimento, um deles, o mais velho, morreu com o pai, em campo de batalha e dois outros, nascidos nos campos de batalha, ali morreram), mulher e companheira, firme e imbatível, de um homem que conduziu com energia uma nação; perspicaz e ambiciosa de riquezas que se lhe vislumbravam como “a dama do Paraguai”.

Os pesquisadores que recuperaram a trajetória da vida de Elisa, e por mim analisados, foram unânimes em afirmar sua cobiça frente às riquezas imediatas que pôde acumular em tempos de guerra, para o que madame Lynch não mediu meios e esforços para conquistar: intrigas e prisões arbitrárias fizeram parte de seu expediente.

---

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> Ao conhecer Solano López, em 1853, contava Elisa Lynch cerca de 20 anos, de onde deduzir-se ter essa nascido em 1833; ver Blomberg, 1942, p. 12.

<sup>9</sup> BLOMBERG, 1942, p. 21.

## 2. Elisa, Solano e a Guerra do Paraguai

Pouco após sua chegada ao Paraguai Elisa começou a perceber os efeitos de sua condição: por sua singular beleza era admirada pelos homens do lugar e por sua condição no estado civil – mulher casada na Europa e amante do filho do presidente paraguaio – era ignorada e percebia no olhar das mulheres locais uma certa reprovação.<sup>11</sup>

Os anos iniciais (1855 até 1865) a vida de Elisa Lynch transcorreu de forma tranquila: aprendeu rapidamente o espanhol o que lhe permitiu inteirar-se dos assuntos cotidianos, bem como das querelas políticas e do passado de seu amante na mesma proporção. Era convidada a fazer parte das festas locais, devendo, no entanto, não confrontar sua presença com a do velho presidente e sua família.<sup>12</sup>

Em setembro de 1862 morre Carlos Antonio López, governante do Paraguai; cerca de um mês depois, a 16 de outubro, Francisco foi eleito, por esmagadora maioria, presidente paraguaio. Blomberg, um dos autores de Elisa, não compartilha da idéia difundida, considerada mesmo uma lenda, de que os amantes teriam por fim a chance de executar uma antiga aspiração: a de imperadores no Paraguai ou talvez de uma região pretensamente maior.

Entre 1862 e 1864 parece que Elisa viveu prevendo situações de dificuldades para seu amado López; na verdade todo o Paraguai parecia esperar e antever o que teria início em 1865: a guerra contra a Tríplice Aliança.

Sobre este período de guerra, os autores observados são unânimes em destacar a presença de Elisa Lynch, em todas as circunstâncias que lhe foi possível, ao lado do “Mariscal”, seja no campo de batalha, seja nos postos em que se fez necessária sua atuação como “a dama do Paraguai” (notadamente por ocasião de celebrações festivas oficiais).

Baptista vislumbra uma outra possibilidade para seu interesse pela guerra:

“Elisa Lynch sentia-se empolgada com a marcha dos acontecimentos, que vieram agitar a monotonia da Metrópole Colonial. Mulher afeita à figuração, propensa a conchavos e à elucidação de intrigas, que proliferavam como divertimento e para afastar concorrentes, via na guerra que a pátria de seus filhos acabava de deflagar uma excelente oportunidade de alianças com algumas províncias argentinas e parte do Uruguai para, reunidas, ficarem sob o comando do Paraguai, associado mais potente.” (Baptista, 1986, p.212).

Nitidamente percebe-se seu desejo, segundo o autor, de transformar o Paraguai em uma potência maior, com Solano López à frente e tendo nela, Elisa, sua companheira permanente.

---

<sup>10</sup> Idem, p. 12.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>12</sup> BLOMBERG, 1942, todo o capítulo V, dedicado a sua vida social, traz alusões aos seus interesses sociais.

Decoud, referindo-se a fala do Dr. Von Stewart, atribui a Elisa Lynch um poder de influência e de persuasão junto a Solano López, incitando-o a declarar a guerra contra Brasil, Argentina e Uruguai não perdendo oportunidades de

“envenenar el espíritu de su hombre com odio y celos hacia todos los que tenían algún mérito; que aprobó siempre la severa justicia de López, diciendo que eso era muy bueno; que tanto cuanto pudo, aumentó su disposición naturalmente cobarde, porque sabía que nada le agradaba tanto como decirle que corría peligro de ser asesinado;” (Decoud, 1939, p. 88)

Em campanha Elisa foi o símbolo da atuação feminina na guerra, guardada sua posição de mando: era a “comandante en jefe de las mujeres”<sup>13</sup> Acompanhava Francisco a cavalo e com ele inspecionava as tropas.<sup>14</sup> Blomberg a denominou de “la señora de los campamentos”<sup>15</sup>, levando em conta a permanência desta senhora nos principais campos de batalha, como pode ser percebido na seguinte passagem:

“En los campamentos de Humaitá, Paso de la Patria y Paso Pucú, la Lynch, siempre acicalada y rodeada de las comodidades posibles en aquellas circunstancias, recibía noticias de las primeras batallas ....” (Blomberg, 1942, p. 68).

Há um consenso nos relatos dos biógrafos de Lynch: sua cobiça. Blomberg assim se refere:

“Las joyas y onzas de las familias pudientes, lo mismo que las modestas alhajas de las mujeres pobres, todo lo que aquéllas no lograran ocultar en los escondrijos donde fueron halladas largos años después de la guerra (...), iban a pasar a las manos ávidas de la irlandesa.” (Blomberg, 1942, p. 36)

Decoud dedica à cobiça de Elisa Lynch um capítulo inteiro onde, reproduzindo testemunhos, contemporâneos ou não à Lynch, trata de demonstrar que “su voracidad económica la indujo a todo género de negocios ilícitos”; o autor é categórico ao afirmar que “compraba a las gentes medrosas sus tierras o su techo, y les pagaba en papel inconvertible”. O ouro e as jóias que tanta impressão lhe causaram ao chegar ao Paraguai, Elisa “so pretexto de las necesidades bélicas, desnudó de joyas a las heroicas damas paraguayas, para remitirlas a sus agentes europeos.”<sup>16</sup>

Baptista, Barret e Blomberg mostram, durante a guerra, uma mulher que emprestou seus conhecimentos e habilidades à serviço do país de seus filhos.

Baptista nos mostra uma Elisa que acompanhava, com uniforme militar, o “General-Presidente nas revistas e inspeções”, aguentando horas a fio. Estendia sua camaradagem aos recrutas mas também os reprimia asperamente soldados”relaxados na apresentação ou de má postura militar”.<sup>17</sup> Destaca o mesmo autor o trabalho desta mulher como enfermeira, ajudando as

---

<sup>13</sup> BARRET, 1940, p. 271.

<sup>14</sup> BAPTISTA, 1986, p. 213.

<sup>15</sup> BLOMBERG, 1942, p. 63.

<sup>16</sup> DECOUD, 1939, p. 95.

<sup>17</sup> BAPTISTA, 1986, p. 213.

demais mulheres que prestavam trabalho semelhante no “corpo auxiliar feminino que ela havia criado”.<sup>18</sup>

Quanto ao seu desempenho como enfermeira, ou melhor, desempenhando em muitas situações as funções de médico, Barret afirma que “las mujeres paraguayas cuidaban a los heridos, pero ella los operaba”.<sup>19</sup> Este autor descreve, como os demais não o fazem, passagens da presença efetiva das mulheres em campos de batalha, como demonstra a passagem a seguir, referindo-se a cidade construída de San Fernando; a citação, embora extensa, é bastante reveladora:

“Los soldados rasos no fueron alojados con sus esposas; a ambos lados de la manzana de los oficiales, la ciudad se extendía en distritos perfectamente vigilados. En uno de los distritos se hallaban los cuarteles del ejército; en el otro, la ciudad de las mujeres. Estas, como en todos los campamentos de López, estaban sometidas a idénticas normas de disciplina que los hombres. A las órdenes de sus propios oficiales, cumplían las tareas que les habían sido asignadas y ejercían el servicio de policía de su campamento. A los hombres casados o ‘arreglados’ se les permitía visitar a sus esposas cuando estaban de licencia, con la aprobación de sus propios oficiales y de los oficiales del ejército femenino.” (Barret, 1940, p. 270).

Blomberg, quando descreve a presença feminina na guerra o faz para descrever um triste quadro, do qual Elisa também participara:

“Habían cavado las fosas con sus propias manos, y com ojos fatigados en los que ya no quedaban lágrimas, contemplaban a sus hijos, antes que las mismas manos que las acariciaron en la cuna los cubriesen con la dorada arena que fué su única mortaja.

No se podía caminar dos cuadras por las selvas sin tropezar com mujeres que habían perecido buscando alimento. En menos de seis meses, más de cien mil mujeres y niños murieron de hambre en las cordilleras.” (Blomberg, 1942, p. 96)

Figura polêmica e vista de forma diversa por aqueles que tentaram resgatar a trajetória de sua vida, Elisa foi uma mulher de sua época e que soube viver as circunstâncias que a vida lhe dispusera. Seus biógrafos concordam que viveu dedicada a seu amante e seus filhos, bem como a seus interesses pessoais e sua cobiça. Viveu a guerra e a esta sobreviveu, viu mulheres perderem seus filhos como ela própria os perdera.

Muitos anos após sua morte ainda inflamava as paixões daqueles que se dispuseram “a luz da verdade e dos testemunhos” , refazer seus caminhos; houveram defensores categóricos, como Blomberg; detratores ferrenhos, como Decoud; simpatizantes, como Baptista e aqueles que não se alistavam nem entre “los defensores ni entre los atacantes”<sup>20</sup>, como Barret.

---

<sup>18</sup> Idem, p. 311.

<sup>19</sup> BARRET, 1940, p. 271.

<sup>20</sup> BARRET, 1940, prefácio.